

Em Lauro de Freitas, a sacerdotisa umbandista Mãe Sidneia deixa cair grãos de canjica sobre Luísa Carvalho durante um ritual de limpeza espiritual. Luísa sofre com o luto pela perda da mãe adotiva por COVID-19 e procura auxílio nas águas do mar.



A PANDEMIA AFECTOU MUITAS COMUNIDADES RELIGIOSAS, ENCERRANDO TEMPLOS. NO BRASIL, FOI PRECISO SOLTAR A IMAGINAÇÃO.

ORAÇÕES EM TEMPOS INCERTOS

MUITOS BRASILEIROS comemoram a noite de *réveillon* na praia. Fazem oferendas, festejam, acendem velas e saltam sete ondas para trazer boa sorte. Esse rito de passagem é oriundo das religiões nascidas do encontro dos diversos povos africanos trazidos para o Brasil, como o candomblé e a umbanda. Como manda também a tradição, muitos sacerdotes afro-brasileiros fazem previsões para orientar as suas comunidades religiosas no novo ano. Através do jogo de búzios, um sistema oracular iorubá baseado na mitologia das suas divindades (os orixás), muitos previram que 2019 seria também regido por Obaluaê, o orixá das enfermidades.

Quando ocorreram os primeiro casos de COVID no Brasil e os templos foram obrigados a encerrar. Para as religiões afro-brasileiras, estes espaços sagrados são como uma pequena aldeia, onde, em comunhão, se louvam os antepassados e orixás. Acreditamos que o Axé, a energia vital que movimenta o universo, está no encontro e nas trocas. Devido à pandemia, fomos privados dele.

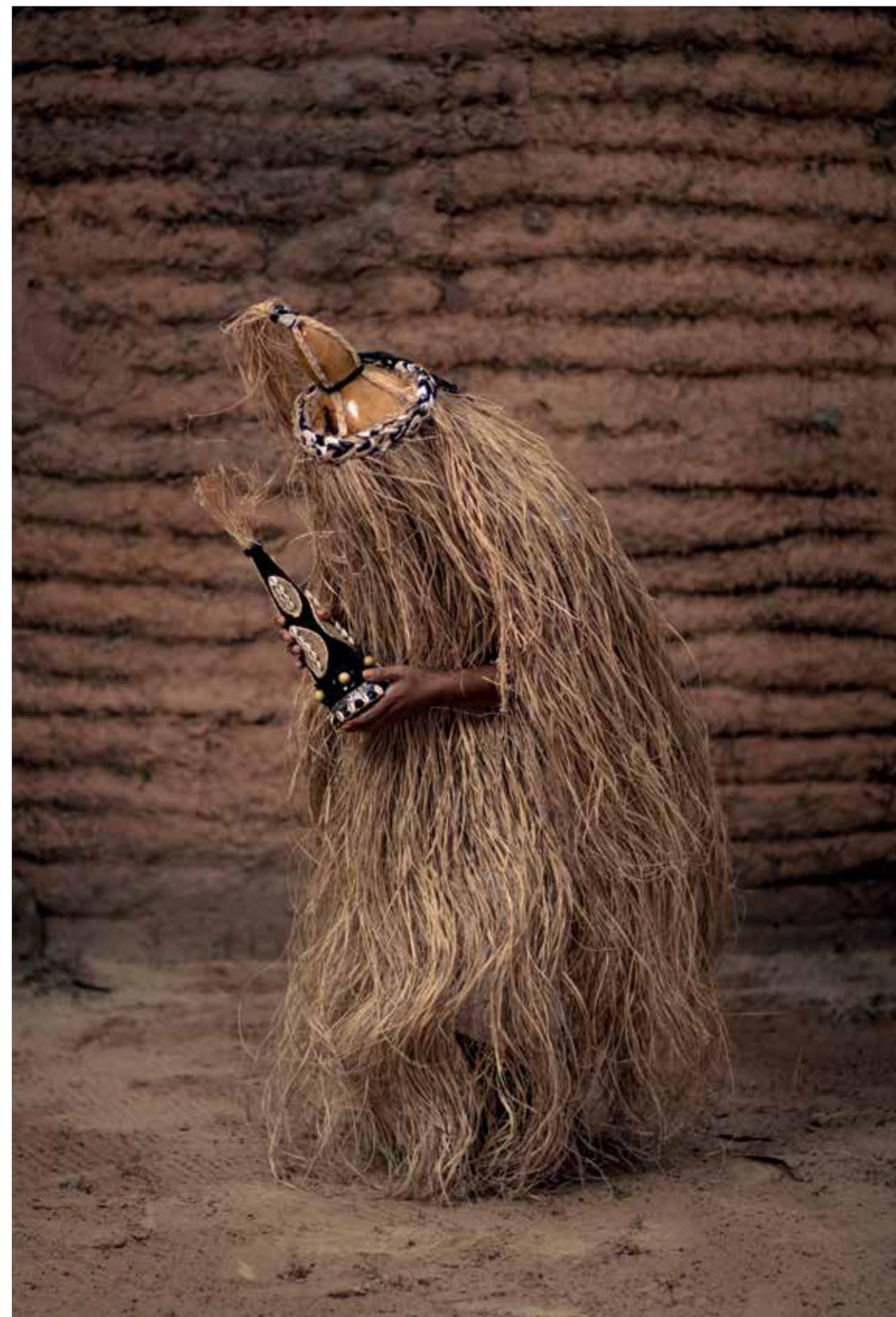
Movido pela angústia que o momento causava, procurei alívio na minha fé. Como religioso umbandista em preparação para exercer o sacerdócio e por conhecer líderes religiosos em todo o país, vi que todos passávamos pela mesma situação: teríamos de adaptar ritos ancestrais à nova realidade pandémica. Essas transformações radicais mudariam para sempre as religiões afro-brasileiras e, como fotógrafo documental, pensei que deveria registá-las.

Com o apoio do Fundo de Emergência de COVID-19 para Fotojornalismo da National Geographic Society, tracei um plano para acompanhar religiosos de todo o país. A pergunta que fiz a todos foi: “Quais são os problemas que enfrentam e o que estão a fazer para solucioná-los?” No final, percebi que todos caminhávamos para dois pólos distintos, mas que juntos trariam as forças que buscávamos. Procurando no futuro uma resposta, adaptamos rituais ancestrais para manter a colectividade através de aplicações de reuniões virtuais. Assim, podemos confortar quem está distante fisicamente e, juntos, louvamos as nossas divindades. Ao mesmo tempo, olhamos para o passado, tal como faziam os nossos antepassados africanos, quando as religiões oriundas de África eram proibidas no Brasil. Em lugares da natureza distante, procuramos a segurança para orar sem riscos de contaminação.

Como os antigos curandeiros centro-africanos, acompanhei sacerdotes trabalhando incansavelmente para levar saúde às suas comunidades. Fotografei outros que, movidos pelo forte sentido colectivo nascido nas senzalas de onde as nossas religiões surgiram, focaram-se em ajudar materialmente os mais afectados pela severa crise económica que acompanhou a pandemia.

Devido às novas variantes, ainda não podemos exercer a nossa religiosidade como anteriormente. Porém, ao contrário de há dois anos, agora adaptamo-nos. Tal como aprendemos nas histórias de superação dos nossos anciãos em tempos distantes, depois de uma experiência intensa, poderemos contar às gerações futuras como vencemos. □

 A cobertura fotográfica deste projecto foi financiada pela National Geographic, que procurou documentar em vários países como as populações se adaptaram à pandemia.



No templo “Roça do boiadeiro Amaro”, em Campo Limpo Paulista, a candomblecista Marluce Gomes dança durante o transe onde o orixá Obaluaê se manifesta para proteger os seus seguidores das enfermidades.



Em São Paulo, mesmo com o avanço da vacinação, a sacerdotisa de candomblé Lucia Oya Sinda do templo "Ilê Asê Omo Oya a ti Ayra", exige que os discípulos utilizem máscaras e sigam as normas sanitárias nas obrigações religiosas.



Durante séculos, na periferia de Salvador, os escravos foragidos encontravam numa pedra o refúgio para uma vida de liberdade. Ali fundaram o quilombo do Orobú e consagraram a rocha ao orixá da justiça. Hoje, a candomblecista Priscila Nobre visita o local para reverenciar Xangô.



Para celebrar 21 anos da sua iniciação religiosa no candomblé, Íris Sousa lava a cabeça com ervas sagradas para se renovar espiritualmente para a grande festa da consagração (no topo). Em Santo André, religiosos dançam em transe (em cima) durante um ritual no templo "Espaço Jurema Mestre".

As religiões afro-brasileiras crêem que a divindade do amor, Oxum, vive em cascatas (no topo). Em Franco da Rocha, o sacerdote candomblecista Danilo Fernandes lava a cabeça dos novos discípulos num ritual de iniciação. Em cima, o sacerdote Dudu de Oxalá usa pólvora para neutralizar energias negativas e espantar maus espíritos.



Por força da proibição nos últimos dois anos de uma das festas afro-religiosas mais tradicionais do Brasil, na praia do Rio Vermelho em Salvador, o candomblecista Franklin Rocha faz uma oferenda solitariamente à orixá dos mares, Yemanjá.



Procurando protecção, Lucas Borbas foi a um cemitério de São Paulo ao encontro dos seus espíritos guardiões. Os umbandistas acreditam que este é um local sagrado, onde espíritos ancestrais vivem debaixo da terra num local chamado Mpemba.